



Ladrão de galinhas*

Meir Kucinski**

São Paulo, Brasil

Eles estavam à toa. Na curva, onde era a taberna da vila, começou o habitual tema: “Minha terra, sua terra, a terra dele...”. Dessa vez, a conversa não era sobre como e com o que se bebe vinho na “minha terra”, na “sua terra”, etc., mas sobre um terrível ladrão de galinhas que estava agindo na aldeia.

O português, com uma aparência de cigano e olhos penetrantes, como os de um bandido da floresta, que poderia até sugerir que estivesse envolvido em algum crime, mas que, na verdade, era uma pessoa rude, porém amigável, era o mais falante:

- Na minha terra, se um ladrão de galinhas se enreda no crime...
- Na minha terra... — interrompeu o espanhol, um homem barbudo, com calças manchadas, que acabara de sair do poço que cavara em uma casa vizinha. — Na minha terra, — ele balança os punhos magros — eles o jogam em correntes, como o pior assassino, e ele apodrece por uma ou duas semanas em uma cela escura.
- Na minha terra — não fica para trás o italiano, o sapateiro da vila — um tribunal de mulheres o julga, e você pode imaginar como um desses é cortado!
- E no Japão, como é? — pergunta o taberneiro, meio moreno, de Minas Gerais, ao japonês ao lado.
- Qui-qui-qui — o japonês encolhe os ombros, se inclina como se para pegar algo do chão, passa um dedo pelo pescoço e não se sabe se ele quer dizer o ladrão ou as galinhas...

Ainda era cedo. Nos vales ainda havia neblina; uma névoa subia dos campos e nas folhas das árvores o orvalho se acumulava em lágrimas. Diante da porta, estava imóvel Benedito, com um grande cajado na mão. Com um sorriso, ele escutava a conversa “minha terra, sua terra, a terra dele”.

Descalço, envolto em trapos, com uma camisa rasgada de onde saíam os cabelos encaracolados de seu peito grisalho; com olhos doentes e febris, extasiados e festivos como se tivesse emergido das montanhas ou do mar, ou da conversa regada à pinga. A pele enrugada e dobrada em milhares de pequenas fendas e marcas ziguezagueantes

* O conto “Meu primeiro encontro” foi publicado em *Nuseh Brazil (Estilo Brasil)*, em Tel Aviv, pela Editora I. L. Peretz, em 1963, páginas 109-114.

** Escritor e professor. Nascido na Polônia, em 1904, emigrou para o Brasil em 1935, estabelecendo-se em São Paulo, onde faleceu em 1976.



como as de um velho elefante. Os pés curtos e grossos, com dedos quadrados como raízes, que se ergueram da terra para a superfície.

Benedito era o habitante mais velho da vila. Ele se lembrava bem da escravidão. Ninguém sabia quem o havia deixado na vila, nem onde ele morava. Ao anoitecer, ele desaparecia nas montanhas e, de manhã, surgia de repente da floresta, perto da fonte ou na curva do caminho. Ninguém o deixava se aproximar demais – algo nele causava desconfiança...

Mas vê-lo era agradável e todos se sentiam seguros em sua presença. Poderia alguém imaginar a vila nos montes da Cantareira sem Benedito? Ele era uma parte essencial da paisagem, assim como o curral ou as altas copas das árvores que brilhavam no horizonte contra as montanhas nuas e rochosas.

Ele não tinha família e ninguém se lembrava se ele já teve uma esposa. Ele sempre carregava uma sacola com raízes, limões silvestres, batatas-doces e tabaco verde. Ofereciam-lhe um pouco de comida à porta; na curva do caminho, frequentemente lhe davam um copo de cachaça ou café.

Nunca houve roubos na vila. Nenhuma galinha, pombo ou canário foi levado, quanto mais uma cabra ou um saco de milho. Isso era atribuído à presença protetora do negro Benedito, como se ele fosse o santo padroeiro da aldeia. Alguns até diziam que à noite ele vigiava a aldeia, descendo das montanhas.

Nos últimos dias, as mulheres começaram a comentar:

— Sabe... parece que meu galo malhado, o raça pura, foi visitar outras galinhas... talvez esteja com Dona Fulana?

— Engraçado! Estou sentindo falta da minha galinha percal!¹ Pensei que ela tivesse ido para a chácara à noite. Fui até lá e Dona Fulana me deu uma notícia sombria: ela também está sentindo falta de alguns frangos.

Assim as conversas foram se espalhando, tomando forma, pulando cercas, até que se

¹ Percal é um tipo de tecido, geralmente de algodão, conhecido por sua textura macia e durabilidade. Galinhas cuja plumagem lembra o percal são frequentemente chamadas de *laced* ou *sebright*. Essas raças são conhecidas por suas penas com bordas contrastantes, dando a aparência de um tecido decorado. A *Sebright*, por exemplo, é uma raça de galinha ornamental com penas que têm uma borda preta ou branca distinta, criando um efeito visual semelhante a padrões de tecido. No Brasil, é possível que a galinha citada seja uma do tipo “mesclado”, reconhecida por suas plumagens variadas de rara beleza, com cores desde malhada, marrom e branca, carijó vermelho, negra, entre outras (N. T.).



disseminaram por toda a vila e lançaram um medo mortal sobre todos os moradores:

Um ladrão de galinhas!

As pessoas cochichavam nas portas, junto ao entregador de pão que passava, e um sentimento de desconfiança envenenou as boas relações. As crianças pararam de brincar com as crianças dos vizinhos. As galinhas continuaram desaparecendo noite após noite, ora de uma casa, ora de outra.

Um homem estranho, ofegante, correu de repente para a curva, entrando em desespero, pálido, até ficar verde-amarelado, vestido com um terno branco e botas harmoniosas. Atrás dele, seguia um grupo de mulheres e de diabretes, e gritavam:

— Peguem, peguem, o ladrão de galinhas!

De todos os lados, subidas e descidas, as pessoas da aldeia se moveram em direção à curva. Bastões de bambu e chicotes foram brandidos contra o terrível criminoso que havia roubado a paz e envenenado as boas relações de vizinhança. As mulheres gritavam:

— Meu galo malhado!

— Meu galo carijó!

— Minhas patinhas! Nove delas! — gritou mais alto uma jovem com sotaque italiano.

A curva ficou cheia. As mulheres não puderam entrar. Os homens da aldeia — que estavam à toa pela segunda e terceira vez — permaneceram indiferentes à confusão das mulheres. Mas eles também ficaram sérios.

A curva foi bloqueada para que o ladrão não escapasse.

As mulheres e as “moças” não se conformaram. Uma psicose de linchamento tomou conta delas.

O estranho se contorceu em espasmos e mal conseguiu sussurrar com a boca torcida:

— Que ladrão? Quais galinhas? Quais patos? Eu não sou ladrão!

As palavras foram proferidas com grande sofrimento. Os homens acalmaram as mulheres:

— Quietas! Quietas!

Fez-se silêncio. Só então se ouviu mais claramente suas palavras entrecortadas:

— Sou do interior... do campo... tenho uma úlcera no estômago... já faz semanas que não como... não suporto comida... vim a pé... quero chegar a São Paulo, a um hospital... para ser operado... uma ferida no estômago...

— Então por que você entrou no meu galinheiro, no meu quintal? — não se conteve a



mulher italiana, com seu sotaque cantado.

— Procurando ervas, chicória... dizem que alivia a dor. Chicória – gemeu o estranho. — Que galinhas, que patos? A dona, o que ela quer de mim?

As palavras foram ditas com grande esforço, seu rosto se contorcendo a cada palavra. Fez-se silêncio entre as mulheres.

— Mostre as mãos – exclamou de repente o velho Benedito, e os reunidos na curva só então o notaram.

O estranho estendeu as mãos. Benedito as tocou, passou seus dedos ásperos e negros sobre as palmas do outro, sobre as veias salientes, como um quiromante que examina cada nervo e cada ruga da mão. Todos prenderam a respiração.

— Ele não é ladrão: um ladrão tem mãos delicadas, lisas, granfinas. Vocês veem — e o rosto de Benedito se iluminou ainda mais — suas mãos estão cheias de calos!

— Do campo, do campo – gemeu o estranho.

As mulheres ficaram envergonhadas. Os diabretes, silenciosamente, jogaram fora os bambus. Os homens o forçaram a beber cachaça, vinho e conhaque, enquanto, à sua frente, surgia uma pilha de pratos com linguiça. Todos estavam ansiosos para oferecer algo a ele.

As mulheres se dispersaram. De todas as bocas, de todos os lados, de todos os lugares, se espalhou:

— Coitado, coitado, coitado do pobre homem...

Tradução: Gilberto Gamer***

*** Mestre em Administração de Negócios (MBA), pela Universidade de Otago, Nova Zelândia.